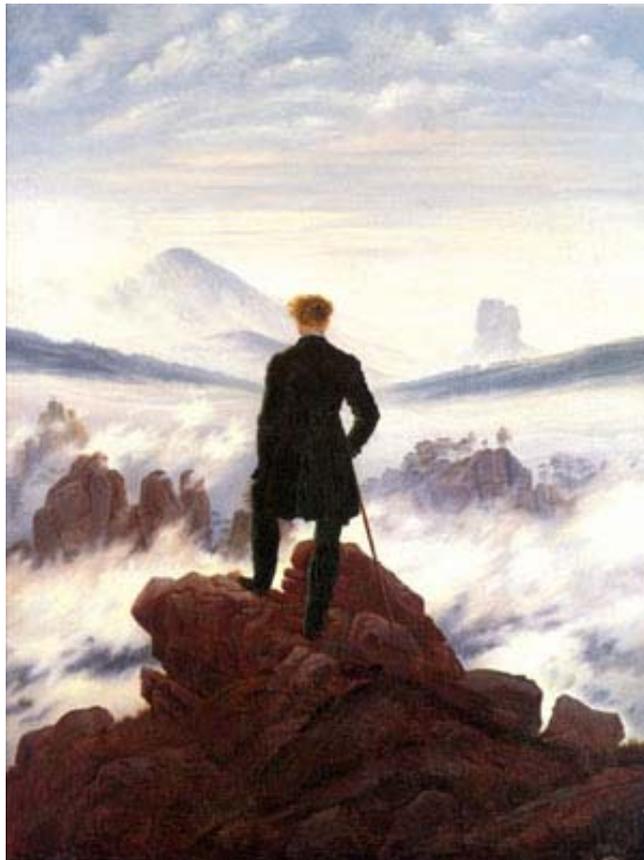


Caderno de História, nº 16
Memorial do Rio Grande do Sul e Instituto Goethe



“Tempestade e Ímpeto”

História Síntese da Cultura Alemã

Governo do Estado do RS – Germano Rigotto
Secretaria de Estado da Cultura – Victor Hugo Alves da Silva
Memorial do RS – Voltaire Schilling

Introdução

“Was zum Raube sich die Zeit erkoren, Morgen steht’s in neuer Blüte da; Aus zerstörung wid der Lenz geboren, Aus den Fluten stieg Urania; Wenn ihr Haupt die bleichen Sterne neigen, Strahlt Hyperion im Heldenlauf... Freie Tage steigen Lächeld über euern Gräbern auf.

[“Tudo quanto foi presa do tempo florescerá novamente amanhã, mais belo: a primavera nascerá da selvageria tal Urano nascendo das ondas. Quando as pálidas estrelas inclinam sua cabeça, Hipérion resplandece no seu trajeto heróico... Dias de liberdade se alçarão sorridentes sobre as vossas tumbas.”]

F. Hölderlin (Hymne *an die Freiheit* , 1793)

Situada entre duas culturas formidáveis e distintas, a dos eslavos no Leste e a dos latinos ao Oeste e ao Sul, a antiga Germânia sempre procurou distinguir-se culturalmente tanto de uma como da outra. Num arroubo de orgulho étnico-filológico, o filósofo Arthur Schopenhauer chegou a dizer - no que foi seguido um século mais tarde por Martin Heidegger - que Deus escolhera somente duas línguas para o filosofar: o grego no passado e o alemão no presente.

A paixão pelo idioma foi uma das características mais salientes da cultura germânica, sendo que para eles a sua língua era inigualável, entre outras razões por ter-se mantido “pura”, algo que não ocorrera, por exemplo, com a língua francesa (originada do latim vulgar) ou a inglesa (um empobrecido dialeto derivado do saxão).

Esse exclusivismo, tal obsessão pela germanidade, segundo alguns historiadores, teria se acentuado ainda mais a partir da Reforma Luterana do século XVI, ocasião em que grande parte do território alemão, especialmente o centro-norte, rompendo com o Papado, apartou-se definitivamente da influência da Igreja Católica e, por consequência, dos melhores efeitos estéticos e humanísticos do Renascimento.



Todavia, o afastamento de Roma não chegou a alcançar Albert Dürer, gênio cosmopolita, admirador da arte italiana e holandesa, talvez o maior artista do renascimento nórdico, cidadão de Nuremberg, a Atenas da Alemanha Medieval, e que teve a ousadia de auto-retratar-se como Jesus Cristo. Até que ponto sua intenção não foi - antecipando em séculos a Schopenhauer e a Nietzsche - pregar a redenção do homem pela arte, colocando o artista na situação de um novo messias – como na pintura do auto-retrato de 1500 - a anunciar a vinda dos novos tempos por meio do usufruir estético? Seria Dürer um dos últimos grandes artistas alemães a se sentirem ainda comprometidos com o cosmopolitismo renascentista, vínculo que se rompeu com a Reforma?

Reforma e isolamento



Lutero (retrato e gravura de Lucas Cranach)

A batalha teológica desencadeada por Lutero levou a Germânia a um isolamento mais pronunciado do que conhecera antes, quando no apogeu do período feudal os imperadores alemães do *Heiliges Römisches Reich deutscher Nation*, o Sacro Império Romano-Germano, dividiam com o papa romano a liderança da Europa Cristã. Aderindo a Lutero, grande parte da Alemanha tornou-se durante um bom tempo uma ilha protestante cercada por um continente cristão –ortodoxo ao oriente e pelo catolicismo ao oeste e ao sul. “Estou posicionado entre dois mundos”, exclamou Tonio Kröger, o personagem de Thomas Mann da novela homônima, “não estou em casa em nenhum deles, o que complica um pouco a minha vida”. Talvez ser alemão seja ser precisamente assim, o “homem-do-meio”, o “mediador”, concluiu o romancista.

Todavia, coube a este mesmo Lutero dar os primeiros passos em direção à unificação nacional alemã ao começar em 1521 a sua tradução do Novo Testamento para o *Hochdeutsch*, o alemão clássico, concluído o Antigo, em 1534, acentuando assim ainda mais o abandono da língua latina. Até então, imperava entre os inúmeros estados e reinos da Alemanha uma impressionante variação dialetal, ortográfica e gramatical. Ao legar ao povo uma Bíblia traduzida, e graças à imprensa de Gutenberg difundida por quase todas as famílias que podiam adquiri-la, o reformador lançou as bases de uma padronização do idioma até então desconhecida. Ali, pois, com ele, com a Unidade Idiomática, formaram-se as condições para que bem mais tarde, alguns séculos depois, se sedimentasse pela obra de Goethe a Unificação Cultural-estética. Concomitante a ela, por meio da *Zollverein* (a união alfandegária), de 1834, obra do barão von Stein, atingiu-se a Unidade Econômica. Culminando, em seguida, com a Unidade Política, instituída pela fundação do IIº Reich em 1871, sob os auspícios de Otto von Bismarck.

Os momentos da unificação da nação alemã

Data	Unificação	Agentes
1534	Idiomática	Lutero: tradução da Bíblia para o <i>Hochdeutsch</i>
1808	Cultural-estética	Goethe: Faust
1834	Econômica	Freiherr vom Stein, Friedrich List e David Hansemann, com a criação da <i>Deutsche Zollverein</i>
1871	Política	O. von Bismarck, fundador do II Reich

Ausente dos mares e oceanos

Ao se dar a conquista européia dos grandes oceanos, a partir dos séculos XV e XVI, a Alemanha, com exceção de um ou outro mercador, dela não participou. Desconhece-se a existência de caravelas ou almirantes da *die Hanse*, a Liga de Hansa alemã, desbravando estreitos por águas desconhecidas. As únicas ondas que eles singravam - apesar dos portos de Hamburgo, Lübeck ou Rostock - eram as do Báltico, mar quase que fechado, um lago salgado que compartilhavam com os escandinavos, poloneses e demais povos bálticos, com quem formavam associação. Isso significou que, além de terem que assistir impotentes o deslocamento do eixo econômico do centro da Europa - até então dominado pelas cidades alemãs e pelas cidades italianas - para as margens do Atlântico, por igual viram-se excluídos de possuírem um império colonial como tiveram os reis ibéricos, as companhias holandesas de comércio, ou os soberanos britânicos.



Engendrou-se assim, tanto nos reinos maiores como nas pequenas cidades independentes da Alemanha entre os séculos XV e XVII, um mercantilismo muito próprio: o cameralismo, cuja missão, por assim dizer, observada por um dos seus principais teóricos, o barão Wilhelm von Schröder, era lotar com riquezas as “câmaras” do rei ou do príncipe, desde que se obedecesse ao saudável princípio de não esfolar o povo, como bem recomendava um verso anônimo do século XVII que dizia: “*Se a grei de um prudente soberano se administrasse assim, com mão sábia/ além de viver-se muito feliz, daria sempre lã ao seu regente/ Mas quem quiser tirá-lhe a pele ficará sem a lã e sem a ovelha*”.

Engendrou-se assim, tanto nos reinos maiores como nas pequenas cidades independentes da Alemanha entre os séculos XV e XVII, um mercantilismo muito próprio: o cameralismo, cuja missão, por assim dizer, observada por um dos seus principais teóricos, o barão Wilhelm von Schröder, era lotar com riquezas as “câmaras” do rei ou do príncipe, desde que se obedecesse ao saudável

Deste modo, cada localidade, condado, ducado ou bispado, ao todo mais de 300 corpos políticos, cultivando as suas próprias medidas, suas leis e sua cunhagem de moedas, tornaram-se aquilo um evidente impeditivo ao processo de unificação nacional (um mercador alemão do medievo queixou-se de que para fazer negócios nos arredores do seu burgo, num raio inferior a cem quilômetros, era obrigado a negociar com mais de 60 moedas de tipos e pesos diferentes).

Imprensa e Música

Além dos efeitos sociais e políticos da Reforma, a cultura alemã daquela época ficou um tanto distante de dois extraordinários acontecimentos histórico-culturais dos começos dos Tempos Modernos: o Renascimento e os Descobrimentos. Todavia, isso foi de certo modo amplamente compensado pelo invento de Johanes Gutenberg. A prensa com tipos móveis por ele desenvolvida, que culminou na impressão da primeira Bíblia no ano de 1456, logo fez da Alemanha um privilegiado e procurado centro editorial, recebendo manuscritos de todas as partes da Europa, como foi o caso da primeira edição da “Revolução das Órbitas Celestes” de Copérnico, aparecida em 1543, e que promoveu o começo da Revolução Científica que nos conduziu à Modernidade.



Fato esse que também a ajudou a impulsionar a sua filosofia e a sua ciência, tornando-a, com o tempo, a mais influente e poderosa do mundo ocidental (no que toca às idéias, a modernidade certamente seria incompreensível sem a presença de Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Freud, Heidegger, Max Planck, Einstein, e tantos outros mais).

Tendo como farol a Universidade de Heidelberg, fundada em 1386, a Alemanha reforçou ainda mais a marca de ser um referencial da excelência acadêmica. Com a melhoria da qualidade do ensino e a sucessão da abertura de novas universidades, amparadas em bibliotecas exemplares, distribuídas por quase todas as suas regiões da nação, o erudito alemão tornou-se um referencial, atraindo discípulos de todas as partes. De certa maneira, isto fez dela, como observou Thomas Mann, ser “a encruzilhada das contradições européias”, algo assim como um “resumo da Europa” (in “Considerações de um apolítico”, 1915).

Se a Reforma distanciara-a das melhores faces do Humanismo renascentista, como lamentou Nietzsche, em compensação abriu a eles o Continente da Música. (*) A determinação de Lutero em estimular uma nova liturgia, rival dos hinos e do cantochão católico, fez com que em cada lar alemão fosse uma obrigação ter-se um clavecino ou um piano, ou qualquer outro instrumento musical equivalente. O conhecimento da música tornou-se assim um dever e uma obrigação do crente, uma maneira muito especial de comunicar-se com o Todo-Poderoso e receber-lhe a atenção.

Por conseguinte, foi no recôndito das pequenas salas domésticas que acolhiam as reuniões familiares nos dias festivos, dos encontros que celebravam Deus, a verdadeira célula-mãe de onde brotaram os gênios da música alemã. De Händel a Bach, de Beethoven a Wagner, todos descendiam de *Kapellmeister*, mestres-de-capela, acostumados a celebrarem diariamente Deus em casa.

Todavia, isso obviamente não preservou a Alemanha de ter que passar por duas desgraças impressionantes: a Guerra dos Camponeses do século XVI - dita "*Revolution des gemeinen Mannes*" (a Revolução da Plebe, subproduto da Reforma que jogou os *Bauern* contra os *Füster*), e a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), ambas, ainda que separadas por um século uma da outra, devastaram a Alemanha em todos os sentidos. Sendo que a última, a *Dreissig Jahre Krieg* (a Guerra dos Trinta Anos), guerra aberta entre a União dos Protestantes e a Liga dos Interesses Católicos, provocou uma perda da população civil proporcionalmente superior à da Segunda Guerra Mundial.

() A questão de se opor a Reforma ao Humanismo sempre rendeu polêmica. Lewis Spitz, por exemplo, assegurou que apesar de Lutero por vezes referir-se à razão (palavra emblemática do humanismo) como a "meretriz" que desviava o indivíduo do caminho da fé, o reformador jamais deixou de ser um discípulo do humanismo, de estar próximo a Erasmo, visto ser aquele movimento (graças a sua qualificação técnica na análise dos textos, obsessão pela filologia clássica, e sua crítica à teologia escolástica) que abriu caminho para a contestação a Roma. Todavia não se pode negar que os humanistas alemães, cujo apogeu deu-se entre 1500 e 1520 (com Willibald Pirckheimer, Konrad Peuhinger, Phillip Melanchthon e Jacob Wimpheling), particularmente os integrantes do círculo de Nuremberg, muito ligados aos humanistas italianos, tiveram que desviar sua energia e inteligência para os temas teológicos devido à paixão que a rebeldia de Lutero provocara em toda a Alemanha.*

O planeta Germânia

A sensação que os demais europeus tinham era de que a Alemanha, ainda que ocupando geograficamente uma posição central no continente e abrigando eventualmente um imperador [do Sacro Império Romano-Germano], era um planeta à parte do restante das nações.

Não só isso, Goethe, em conversa com Eckermann (registro de 23 de maio de 1827), lamentava a "vida isolada, paupérrima" que os homens-de-letras alemães levavam e o tão pouco de cultura que lhes chegava do exterior. Os pensadores, os poetas e os romancistas, gente de talento, os ditos *Siebenhundert Weiser*, os Setecentos Sábios da Alemanha, de quem Heine fazia menção, achavam-se espalhados por todas as partes, em Viena, Berlim, Königsberg, Bonn ou Düsseldorf, raramente se encontrando para trocarem idéias, mantendo-se distantes entre si por centenas e centenas de quilômetros, cada um deles voltado para o seu próprio afazer.



Schiller, Alexander e Wilhelm von Humbold e Goethe, o Oimpo intelectual em Weimar.

O resultado dessa pulverização dos mais dotados e talentosos era o empobrecimento intelectual da nação. Ao contrário do que ocorria em Paris, metrópole cerebral na qual em cada esquina, por assim dizer, encontrava-se um Molière, um Voltaire ou um Diderot. A simples presença deles, daquela concentração de notórias inteligências no mesmo espaço urbano, ainda que vivendo em épocas históricas diversas, é que permitia o surgimento de um cientista com o gênio precoce de André Ampère que se tornara uma celebridade como matemático e estudiosos dos fenômenos do magnetismo com pouco mais de vinte anos, idade em que visitou Goethe em Weimar.

Na Alemanha, ao revés, lamentava o poeta, estava-se só, com enormes dificuldades em abrir-se um caminho por si mesmo. Uma simples conversa com um erudito, com um sábio como com um dos irmãos von Humbold, por exemplo, enfatizou, fizera com que os estudos dele progredissem “mais num único dia do que se eu tivesse viajado o ano inteiro”. Algo tão raro de ocorrer como a passagem de um cometa.(*)

Além disso, aquela dispersão era agravada pela pouca densidade de leitores, quando não da pouca cultura deles, como se queixava Goethe dos cortesãos com quem era obrigado a conviver. Portanto, a nação, sob o ponto de vista da inteligência local, não havia ainda gerado um mercado interno que pudesse absorver produtos culturais o suficiente para emancipar seus escritores e artistas. Mantinham-se, pois, na dependência das cortes ou dos favores da nobreza fundiária. Para culminar, não existia nada na Alemanha que fosse equiparado a um estado centralizado como existia na França ou mesmo no Reino Unido, um soberano poderoso que pudesse lançar sua proteção e estímulo às artes locais. Frederico II, o Grande, ainda que um homem culto, por ser um francófilo assumido desconsiderava a literatura alemã.

É ainda Goethe quem, a título de conclusão, afirmou: “*Não sendo integrante de um grêmio que pudesse atuar como um só homem, os poetas alemães não gozavam de nenhuma vantagem na sociedade burguesa. Não tinham nem proteção nem categoria social, nem eram estimados a não ser em algumas circunstâncias alheias aos seus escritos... Um pobre mortal, consciente dos seus poderes mentais, condenado a abrir caminho na vida da melhor maneira possível, dilapidando seus dons que haviam recebido das musas na luta para satisfazer as necessidades do momento... o poeta, sempre pobre, desempenhava um papel melancólico no mundo, como simples bufão ou parasita...*” (Poesia e Verdade, vol II, 10).

Todavia, uma arguta e sagaz observadora estrangeira, Mme. Staël, a famosa filha do ministro Necker, viu vantagens na Alemanha ser “uma federação aristocrática”, visto que – ao contrário do autoritarismo bonapartista dominante na França daquela época - provocava uma espécie de “anarquia doce e aprazível” no que tangia às opiniões literárias e metafísicas, situação que permitia a que cada homem desenvolvesse um modo particular e independente de ver as coisas.

(*) *Talvez fosse tal exceção, a raridade e excepcionalidade dos contatos entre poetas, escritores e cientistas alemães que fez com que Goethe merecesse a dedicatória que Alexander von Humboldt lhe fez no volume dedicado à geologia da sua obra maior “Kosmos”.*

Preceptores e obedientes

Ainda que escritores e autores teatrais lançassem o repto ao racionalismo importado da França por meio do Movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), título sonoro e retumbante da inconformidade deles, extraído da peça homônima de Friedrich M.Klingers, que assinala a entrada triunfal do gênio no cenário das artes e da história, anunciado pelo poema de Goethe dedicado a Prometeu (1772-3), a situação geral deles, social e material, não sofrera alterações substantivas,

Era impressionante, ainda entre os séculos XVIII e XIX, o número de homens-de-letras, entre eles Fichte, Hölderlin, Schlegel e Hegel, que, antes de se projetarem, viviam modestamente como preceptores dos filhos dos nobres ou dos burgueses bem sucedidos.

Um tanto como se fossem naufragos sobrevivendo numa ilha perdida, cada um fixado num condado ou num principado, eles jamais constituíram uma frente de intelectuais como os franceses alcançaram fazer por aquela época, quando bastava à censura ou uma autoridade qualquer implicar com um dos integrantes da “família iluminista”, para que uma onda de solidariedade e apoio logo se formasse em torno do perseguido.

Norbert Elias observou existir uma tensão permanente entre a intelectualidade de classe média e os freqüentadores das cortes. Uma espécie de desprezo mútuo entre as Letras e a Etiqueta os separava. Talvez fosse essa razão dos pensadores alemães – como reação à indiferença com que eram tratados - desenvolverem uma prosa muito peculiar, quase que ininteligível para quem desconhecesse o assunto, colocando a filosofia alemã, por vezes, num patamar muito próximo ao esotérico.

A exposição obscura era um modo deles se distinguirem ainda mais dos áulicos que cercavam os príncipes e os barões. Heine, todavia, acreditava que a dificuldade deles em

expor claramente o que pensavam, “de discorrer de forma popular sobre religião e filosofia”, decorria deles temerem as conseqüências disso junto ao povo. (H.Heine “Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha”, 1834).

De recearem que suas idéias, por mais moderadas e conservadoras que fossem, de algum modo – se claramente expostas - pudessem provocar algum tipo de agitação social inconveniente aos príncipes e barões a quem mal ou bem serviam.

O incidente que certa vez envolveu o filósofo Kant parece exemplar disso. Após ele ter publicado suas críticas à religião constituída no seu ensaio *Religion innerhalb der Grenzen der blossen Vernunft* (“A religião dentro dos limites da razão pura”), em 1793, como súdito obediente, ele concordou com a advertência que o rei lhe enviara de próprio punho e despachada como Cabinetsordre König Friedrich Wilhelm's II, datado de 1º de outubro de 1794, ordenando-lhe para que ele não mais “abusasse da sua filosofia para tergiversar e desprezar algumas doutrinas fundamentais e mais importantes das Sagradas Escrituras e do cristianismo”, intimando-o a não mais incorrer em tal tipo de falta, pois neste caso ele se veria “*werdet zu Schulden kommen lassen, sonder vielmehr*, (“a ditar irremediavelmente certas medidas mais desagradáveis contra vós”).

Mesmo assim este constrangimento vindo de príncipe não evitou dele ter lançado o grande chamamento para que os indivíduos alcançassem a autonomia do por meio do pensamento: “*Ausgang der Menschen aus ihrer selbstverschuldeten Unmündigkeit*“, o *sapere aude* latino (pensa por ti mesmo), conclamando a que os homens da sua época se libertassem de apenas seguir as palavras dos padres ou das autoridades (“O que é o Iluminismo?”, 1786).

A submissão de Kant à ordem real de certo modo pautou a relação dos intelectuais alemães com as autoridades. Bem poucos deles tinham a ousadia dos franceses em afrontar as instituições. Foi somente durante o alçamento das barricadas de 1848 - época da Revolução dos Poetas - que eles encontraram um clima favorável à aberta insubordinação, ainda que de por pouco tempo, permitindo-lhes desaforem o poder, como foi o caso de Heinrich Heine, Ferdinand Freiligrath, Richard Wagner, Max Stirner, David Strauss, Moses Hess, Karl Marx e Friedrich Engels. Exatamente em razão disso muitos deles tiveram que levar a vida no exterior experimentando o pão salgado do exílio, em meio à brumosa camaradagem dos refugiados.

A língua alemã, depois de mil anos de existência, cultivada primeiro pelos monges, seguidos pelos poetas-cavaleiros como Walter von der Vogelweide, por mestres cantores como Hans Sachs e outros, utilizada polemicamente por reformadores como Lutero e Melanchthon como arma de combate contra Roma, tornou-se, por fim, instrumentos dos sábios. Pensadores como Kant e Hegel fizeram dela expressão de todas as sutilezas, ambigüidades, ou precisões possíveis do pensamento alcançar (de fato, nenhuma outra língua ocidental contribuiu mais para o vocabulário filosófico do que o idioma alemão), sem esquecer-se da redação imprimida por Karl Marx no *Manifesto de 1848*, considerada por muitos filólogos como uma das mais raras e exemplares peças da retórica revolucionária escritas num idioma ocidental. Era a pena de um moderno profeta conduzida por um cérebro monumental, totalizante.

A descoberta da cultura alemã

Sob o ponto de vista das demais nações ocidentais - se bem que Goethe, com o seu *Werther*, editado em 1774, conseguira a façanha de tornar-se o primeiro nome das letras teutônicas a circular fora das suas fronteiras – a cultura alemã era algo assim um tanto misteriosa como o lado oculto de Marte. Continuava muito pouco conhecida nos outros países ocidentais. Coube à Mme. de Staël, citada acima, num famoso ensaio, o *De l'Allemagne*, realizar uma verdadeira geografia cultural da Alemanha do seu tempo. Ela mapeou as gentes de letras e os filósofos que fossem significativos, denominando a Prússia e seus arredores como “o país do pensamento”.

Ao escrever em francês, língua franca daquela época, ela que pessoalmente conhecera Goethe, Schiller, Wieland e August Schlegel, quando em viagem pelo país entre 1803-1804, apresentando-os como “os homens mais instruídos e os mais meditativos da Europa”, difundiu as idéias e obras deles por todas as partes. Ainda que sua primeira edição de 1810 fosse interdita pelo regime de Napoleão, em 1814 foi republicado na Inglaterra, de onde ganhou o mundo. Isto fez de Mme. de Staël uma espécie de Tácito de saias.

Apesar dela reconhecer as diferenças existentes entre os pequenos estados e as grandes monarquias da Prússia e da Áustria, as diversidades entre as cidades comerciais e os centros universitários, bem como um clima variado que diferia entre o centro e o norte, ela identificara um conjunto de traços comuns a toda a nação alemã, entre eles a importância que os alemães davam ao trabalho e à reflexão. Além de mencionar como uma das mais visíveis características deles a sinceridade e fidelidade, o que implica num alemão “jamais faltar com a palavra, sendo que a trapaça lhes era estranha” (Mme. De Staël – *De l'Allemagne*, Vol I, pág. 56-57).

Não sem razão Goethe classificou-lhe o ensaio “como um poderoso instrumento que foi a primeira brecha na muralha de antigos preconceitos erguidos entre nós e a França”.



Werther em galanteios com Lotte (Os sofrimentos de Werther, 1774)

O apogeu da teoria

Quantas vezes já se ouviu dizer que aos alemães, desprovidos das conquistas dos oceanos e dos feitos do moderno racionalismo, obra dos ingleses e dos franceses seus vizinhos próximos, só lhes restou a teoria, a terem que tomar de assalto o prodigioso e fantástico mundo das idéias. Continente intelectual que eles, começando pela filosofia kantiana e seu grito de guerra *Sapere aude* (ousem pensar por si próprios), se lançaram a ocupar ao longo do século XIX, engendrando assim o Idealismo Alemão e a formação de uma moderna linhagem de pensadores. Audácia celebrada pelo verso de Hölderlin que argüia orgulhoso “*Onde encontrar sábios como os nossos, lúcidos, incorruptíveis e audazes?*” (*Gesang des Deutschen*).



I. Kant (1724-1804)

Se bem que não tivesse uma Era de Ouro da literatura alemã da mesma forma como se deu na Espanha filipina ou na Inglaterra elisabetana, houve sim, nos tempos modernos, uma Idade de Ouro da música e do pensamento alemão.

O da música teria se iniciado com os *Brandenburg Concerto n° 1 in F major*, os “Concertos de Brandenburg” de Sebastian Bach, de 1717, encerrando-se com o ato final da ópera *Parsifal* de Richard Wagner, em 1877; o dos pensadores com a edição da *die Monadologie*, “A Monadologia” de Leibniz, em 1714, finalizando com o *Sein und Zeit*, o “Ser e o Tempo” de Martin Heidegger, aparecido em 1927.

De certo modo foi a existência de um sólido e poderoso estado-nacional alemão [o Segundo Reich, obra de Otto von Bismarck, erigido entre 1861 e 1871] quem mais fez por projetar o pensamento e a cultura alemã no século XIX. O espantoso sucesso econômico do Império Germânico (1871-1918) inevitavelmente atraiu as atenções do mundo para os seus filósofos, cientistas e artistas, fazendo com que os nomes deles comesçassem a se universalizar juntamente com as sinfonias de Beethoven, as canções de Schubert e as óperas de Wagner.

Seja como for o processo de unificação nacional engendrou uma ruptura substancial na cultura alemã. A identificação com os valores universais herdados em grande parte de Kant e Goethe cedeu espaço ao longo do século XIX ao sentimento nacionalista cada vez mais crescente, reflexo da fundação do II Reich. Tendência que já se iniciara com Fichte (*Discursos à nação alemã*), ampliara-se com Goerres e Treichke, para mergulhar enfim no extremismo nacional-socialista.

A primeira fase da catástrofe econômica, política e social que se abateu sobre a Alemanha, gerada pela participação do IIº Reich na Grande Guerra de 1914-18, por incrível que possa parecer, rendeu mais tarde muito para o prestígio cultural alemão, visto ser durante o reduzido período de quinze anos de duração da República de Weimar, de 1918-1933 - regime rejeitado e desprezado pela maioria dos cidadãos daquela época - que se lançaram às bases da tão celebrada modernidade nas artes (movimento expressionista, o teatro de Brecht, a Escola de Frankfurt, o estilo Bahaus, o cinema-arte, a foto-montagem, etc...).

Fenômenos culturais esses que foram repudiados tanto pelos nazistas como pelos stalinistas, mas que, nas décadas seguintes, vieram a ser reconhecidos como os marcos fundamentais de uma nova época do modernismo que então começava.

Numa posição mais extremada, George Luckás, o filósofo marxista húngaro de expressão alemã, num ensaio polêmico publicado no após-Segunda Guerra Mundial intitulado *Zerstörung der Vernunft* (“A destruição da razão”), de 1954, apontou o dedo acusador para a maioria dos pensadores alemães do passado, e até os do século XX, como os principais responsáveis ideológicos pelo advento do nacional-socialismo e tudo de trágico a ele associado. Todavia, anos depois, a névoa de irracionalismo maligno que pairava sobre a cultura germânica se dissipou e grande parte daquelas acusações foram entendida como reação um tanto quanto natural aos horrores da guerra recém-encerrada, e a teoria e as artes alemãs voltaram a ocupar um lugar respeitável no contexto da cultura ocidental.

Como exemplo vivo da tenacidade do pensamento engajado e crítico de parte daquela inteligência foi exemplar o destino da Escola de Frankfurt, uma espécie de associação acadêmica de intelectuais e pesquisadores sociais que contaram com nomes do porte de Walter Benjamin, Bruno Bettelheim, Erich Fromm, Franz Borkenau, Henryk Grossmann, Carl Grünberg, Otto Kirchheimer, Paul Lazarfeld, Leo Lowenthal, Herbert Marcuse, Franz Neumann, Friedrich Pollock, Felix Weil e Karl August Wittfogel, que, reunidos a partir dos anos vinte e trinta, sob a liderança de Theodor Adorno e Max Horkheimer, tiveram que atravessar o Atlântico em busca de um exílio seguro nos Estados Unidos.

Quando a guerra, por fim, terminou em 1945, os dois trataram de voltar à Alemanha e à mesma cidade de Frankfurt para refundarem o seu *Institut für Sozialforschung* de trinta anos antes. Agiram em Frankfurt como se tirassem a poeira e os destroços de cima deles para logo se envolverem nas pesquisas. O filósofo e pensador social Jürgen Habermas, herdeiro de Adorno e de Horkheimer, foi o mais fulgurante fruto disso.

A sobrevivência de Hans Sachs



Estátua de Hans Sachs em Nuremberg

Fato carregado de simbolismo com o que ocorreu com a cultura alemã ao longo da história moderna e contemporânea revelou-se com a sobrevivência milagrosa da estátua de Hans Sachs (1494-1576) durante a Segunda Guerra Mundial. Erguida em Nuremberg em homenagem ao mais famoso dos menestréis alemães da Idade Média, incensado por Richard Wagner na ópera *Meistersingers*, “Os Mestres Cantores”, ela permaneceu intacta mesmo após o devastador bombardeio anglo-americano ter sido despejado sobre a cidade em janeiro de 1945. Tudo ao redor do pedestal onde o artista permanece sentado está destruído. Ruínas e escombros espalham-se por onde o horizonte alcança. Só ele lá restou imóvel, sereno, reflexivo e bonachão em meio à catástrofe total, empunhando a sua lira como que esperando que os alemães, como em tantas outras vezes na sua história, voltassem a por em pé tudo de novo.

Quadro Histórico da Cultura Alemã (1200-2000)

Período	Predomínio
Era Medieval (1200–1500) época dos mestres-cantores e dos teólogos: entre a mística e o nominalismo	Os cavaleiros-poetas e os mestres-cantores (Walther von der Vogelweide e Hans Sachs). O místico e o teólogo (Mestre Eckhart e Nicolau de Cusa).
Era do Humanismo e do Renascimento (1450–1600): Imprensa e Reforma	O círculo dos humanistas de Nuremberg (W.Pirckheimer, P.Melanchthon) e o quinteto das cores (Grünwald, Cranach, Dürer, Altdorfer e Holbein). O invento de Gutemberg. Lutero e a Bíblia: unidade idiomática alemã
Era do Barroco (1600– 1770)	A hegemonia dos grandes compositores (Händel, Bach e Telemann). Arquitetura/escultura de Johann Balthasar Neumann/F.X.Messerschmidt
A Era Moderna (1770-1830): classicismo e romantismo. 1 - Tempestade e Ímpeto, o romantismo alemão (o período do gênio) 2- O Iluminismo e o Neoclássico 3 – Idealismo alemão (1830 -1900)	Herder, Goethe e Schiller e o romantismo alemão. O período do gênio. As sinfonias de Beethoven e o drama musicado de Wagner. Leibniz, Lessing, C.Wolff, F.H.Jacobi e Schinkel/J.H.Dannecker. A dinastia do pensamento (Kant, Fichte, Hegel, Schopenhauer, Marx e Nietzsche).
Era Contemporânea (desde 1900): Ciência, Arte, Modernidade e anti-modernidade.	Os caminhos da física (Einstein e Planck). Expressionismo e arte de vanguarda (F.Marc, Otto Dix, B.Brecht), literatura (T.Mann), o cinema expressionista (Murnau, Pabst).O . Spengler, M. Heidegger e a crise do Ocidente. A Escola de Frankfurt.

() Os historiadores da cultura alemã apresentam por sua vez uma outra cronologia que começa pelo barroco, passa pelo clássico, pelo Sturm und Drang, o romantismo, o biedermaier, o realismo, pela transição do século XIX ao XX e, finalmente, desta até o ano de 1933.*

BIBLIOGRAFIA (*)

- ADORNO, Theodor – *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARGAN, Giulio Carlo – *Walter Gropius e a Bauhaus*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- BARRENTO, João – *Expressionismo alemão, antologia poética*. Lisboa: Atica Sarl, s/d.
- BERNSTEIN, Jeremy – *As idéias de Einstein*. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.
- BLANQUIS, Geneviève – *A Vida Quotidiana na Alemanha na Época Romântica (1795-1830)*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, sem data.
- BRACHER, Karl Dietrich. *La dictadura alemana. Génesis, estructura y consecuencias del nacional socialismo*. Madri: Alianza Editorial, 1973.
- BRECHT, Bertold – *Bertold Brecht – Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2001.
- CARDINAL, Roger – *O expressionismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- CASSIRER. Ernst – *Kant, vida y doctrina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- CÉSAR, Júlio – *Comentários sobre a Guerra Gálica*, Rio de Janeiro, 1967.
- CLARK, Ronald W. – *Einstein: The Life and Times*. Nova York, Avon books, 1972.
- COOPER, Barry (org.) *Beethoven: um compêndio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- DÖBLIN, Alfred – *Berlim Alexanderplatz*. Madri: Ediciones Catedra, 2002.
- DRIJARD, Andre – *Alemanha, panorama histórico e cultural*. Lisboa: Dom Quixote, 1972.
- DUPEUX, Louis– *História cultural da Alemanha*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1992.
- ECKERMAN, J.P.. – *Conversaciones con Goethe*. Barcelona: Editorial El Acantilado, 2005.
- ELIAS, Norbert – *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- EISNER, Lotte H. – *A tela demoníaca*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1985.
- FARIAS, Victor – *Heidegger e o nazismo: moral e política* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988)
- FRIEDRICH, Otto - *Before the deluge: a portait of Berlin in the 1920's*, Nova
- FURNESS, R.S. – SOUZA, Geraldo G. De – *Expressionismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.
- GAY, Peter – *A Cultura de Weimar* (Rio de Janeiro, Paz e Terra)
- GINSBURG, Jacó – *Expressionismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- GORDON H., Craig– *Germany (1866-1945)*, Oxford, Oxford University Press, 1990.
- GOETHE - *Poesia e Verdade*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971, 2 v.
- GOETHE, - *Werke*, Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag. 1990.
- GROPIUS, Walter – *Bauhaus – a nova arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva,
- HABERMAS, Jürgen – *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HERF, Jeffrey– *O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no 3º Reich* (Campinas-SP, Ensaio, 1993).
- HEGEL, G.W.F. - *Lecciones sobre la filosofia de la historia universal*. Madri: Revista de Occidente, 1974.
- HEGEL, G.W.F. – *Fenomenologia do Espírito*, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, 2ª ed.
- HEISEMBERG, Werner – *A parte e o todo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

- HÖLDERLIN, Friedrich - *Poesia Completa*: edición bilingüe. Barcelona. Ediciones 29, 1995
- HORKHEIMER, Max – *Teoria Crítica*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974.
- HORKHEIMER, Max – *Teoria Crítica*. São Paulo: Editora Perspectiva/Edusp. 1990.
- IVANOV, N (org.). *Federico Engels, vida y actividad*. Moscou: Ediciones Progreso, 1987.
- JAY, Martin – *The Dialectical Imagination*. Canada: Little Brown and Company, 1973.
- KAHLER, Erich – *Los Alemanes*. México.: Fondo de Cultura Económica, 1977.
- KANDISNKY, Vassily - *DO ESPIRITUAL NA ARTE*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KANT, Immanuel – *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa, Edições 70, 1986.
- KENT, George O. – *Bismarck e seu tempo*, Brasília, Editora da UnB, 1982.
- KRACAUER, Siegfried – *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LAQUEUR, Walter – *Weimar, 1918-1933 : une histoire culturelle de l'Allemagne des années 20*. Paris, Éditions Robert Laffont, 1978.
- LEVENSON, Thomas – *Einstein em Berlim*. São Paulo: Objetiva, 2003.
- LUKÁCS, Georg – *El asalto a la razón*. Barcelona: Grijalbo, 1968,
- MACDONOGH, Giles – *Berlin: a portrait of its History, Politics, Architecture, and Society*, Nova York, St. Martin's Griffin, 1998.
- MCLELLAN, David. *Karl Marx, su vida y sus ideas*. Ed. Crítica, Barcelona, 1977.
- MARCUSE, Herbert - *Reason and Revolution*, 1941 (Razão e revolução, Paz e terra, RJ)
- _____ *Eros and Civilization*, 1955 (Eros e Civilização, Zahar Editores, Rio de Janeiro)
- _____ *One-Dimensional Man*, 1964 (Ideologia da Sociedade Industrial, Editora Zahar, Rio de Janeiro)
- MARX, Engels. *Obras Escogidas*. Ed. Progreso, Moscou, 1982, 3 vols.
- MANN, Klaus – *Mephisto*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2000.
- MANN, Thomas – *A Montanha Mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____ - *Doutor Fausto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- MERKEL, Ulrich (org.) – *Teatro e Política: expressionismo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.
- MILLINGTON, Barry – *Wagner, um compêndio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- MULLER, Joseph-Émile – *Lexikon des Expressionismus*. Colônia: DuMont Buchverlag, 1985.
- NIETZSCHE, Friedrich – *Werke*. Berlim-Nova York: Walter de Gruyter Verlag, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich – *Correspondência com Wagner*. Lisboa: Guimarães editores, 1990.
- RAMOS-OLIVEIRA, A. – *Historia social e política de Alemanha*. Fondo de Cultura Económica, México, 1952, 2 v.
- RAULET, Gérard (org.) – *Auklärung: Les Lumières allemandes*. Paris: GF Flammarion, 1975.
- RICHARD, Lionel – *La nazisme & la culture*. Paris. François Maspero, 1978.
- RICHARD, Lionel (org.) – *Berlim, 1919-1933: a encarnação extrema da modernidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1993.
- _____ – *Le nazisme & la culture*. Paris: François Maspero, 1978.

- RINGER, Fritz K. – *O declínio dos mandarins alemães: a Comunidade Acadêmica Alemã, 1890-1933*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- ROSENFELD, Anatol – *Letras germânicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- SAFRANSKI, Rüdiger– *Heidegger, um mestre da Alemanha* (São Paulo, Geração Objetiva, 2000)
- _____ – *Nietzsche. Biografia de uma tragédia* São Paulo: Geração Objetiva, 2001.
- SCHELER, Max – *Visão filosófica do mundo* (São Paulo, Perspectiva, 1986)
- SCHULTZ, Uwe – *Kant* (Labor, Barcelona, 1971).
- SCHILLER, Friedrich – *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SCHOPENHAUER, Arthur – *O Mundo como Vontade e Representação*. Lisboa: Rés-Editora, s/d.
- SERENY, Gitta – *Albert Speer: sua luta com a verdade*; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.
- SLOTERDIJK, Peter – *Se a Europa despertar*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- “ – *O desprezo das massas*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2002.
- “ – *Regras para o parque humano*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2000.
- SPITZ, Lewis W. – *The Religious Renaissance of the German Humanists* Massachusetts: Cambridge, 1963.
- STÄEL, Mme. – *De L'Allemagne*. Paris: Garnier-Flammarion, 1968, 2 v.
- STERN, Fritz – *O Mundo Alemão de Einstein*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TACITE, *La Germanie*. Paris: Éditions Les Belles Lettres, 1997.
- THALMANN, Rita – *A República de Weimar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- VOGT, Paul – *Der Blaue Reiter*. Colônia: DuMont Buchverlag. 1977.
- WACHINGER, Burghart - *Der Sängerstreit auf der Wartburg. Von der Manesseschen Handschrift bis zu Moritz von Schwind*. Berlim-Nova York: De Gruyter, 2004.
- WAGNER, Richard - *A Arte e a Revolução*. Lisboa: Editora Antígona, 1990.
- WAGNER, Richard – *Obra de Arte do Futuro*. Lisboa: Editora Antígona, 2003.
- WEBER, Max - *Ética protestante e o espírito do Capitalismo*. São Paulo: Editora Pioneira, 1967.
- WIGGERSHAUS, Rolf – *A Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- WINCKELMANN, Johan Joachim - *Reflexões sobre a Arte Antiga*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

(*) O autor optou por listar preferencialmente os títulos que existem traduzidos para o português e demais línguas neolatinas, só o fazendo em alemão por não existir uma tradução adequada ou ela não ser do seu conhecimento.